

A educação pós-pandemia: uso de tecnologias e a recomposição da aprendizagem em debate

Post-pandemic education: use of technologies and recomposing learning in debate

Educación pospandemia: uso de las tecnologías y recomponiendo el aprendizaje en debate

Recebido: 23/11/2022 | Revisado: 01/12/2022 | Aceitado: 02/12/2022 | Publicado: 11/12/2022

Janete Hickmann

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6318-2065>

Universidade Feevale, Brasil

E-mail: janete22h@gmail.com

Paulo Roberto Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8083-1928>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

E-mail: paulobarbosa2709@gmail.com

Michel da Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9665-8170>

Universidade Metropolitana de Santos, Brasil

E-mail: michel.costa@unimes.br

Gledson de Paiva Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4677-7141>

Universidade Metropolitana de Santos, Brasil

E-mail: gledsondpf@hotmail.com

Arlys Jerônimo de Oliveira Lima Lino Carneiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2977-2480>

Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco, Brasil

E-mail: arlysfalub@gmail.com

Fábio José Antônio da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5881-6438>

Universidade Norte do Paraná, Brasil

E-mail: fjas81@hotmail.com

Alcione Santos de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4562-5111>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: alcione.souza@uepa.br

Glória Fernandes Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0087-0578>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: gloriafernandeslima@gmail.com

Tatiana Pereira Veiga Zahal

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6658-9888>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: tatizahal@gmail.com

Cesar Augusto Freitas Jacques

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2877-7028>

Faculdade Interamericana de Porto Velho, Brasil

E-mail: cesarfjacques@gmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo foi dialogar em cunho bibliográfico e qualitativo o contexto da educação pós-pandemia e a recomposição da aprendizagem. Sabe-se que o Ensino Remoto Emergencial, este, mediado por Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, foi um recurso que na rede pública de ensino, até mesmo nas redes particulares foi fomento de intensas adaptações por parte dos professores e estudantes. Este ciclo de adaptações em ensino pode aderir um caráter sensível quando pensamos no processo de alfabetização de crianças no período de curso aos anos iniciais do Ensino Fundamental, tal como, um adolescente que estudou o Ensino de Ciências a partir de materiais impressos. Diante deste contexto, todas as etapas da educação básica aderiram mudanças e novos significados para garantir o ano letivo em contexto pandêmico. O estudo revelou nuances que contextualizam o contexto atual, que se encaminha para um tempo intitulado “pós-pandemia”, vivencia-se novas facetas de recompor os prejuízos em defasagens de ensino e aprendizagem devido a pandemia. Logo, este fenômeno de minimizar os déficits da pandemia, vem sendo estudado por muitos profissionais enquanto recomposição da aprendizagem. O estudo finaliza-se com a possibilidade de partir para uma análise de discursos de professores e estudantes da Educação Básica e Ensino Superior frente ao contexto pandêmico e pós-pandêmico.

Palavras-chave: Pós-pandemia; Recomposição da aprendizagem; Educação.

Abstract

The objective of this study was to dialogue in a bibliographical and qualitative nature the context of post-pandemic education and the recomposition of learning. It is known that Emergency Remote Teaching, mediated by Information and Communication Technologies - ICTs, was a resource that in the public education network, even in private networks, was the foment of intense adaptations by teachers and students. This cycle of adaptations in teaching can become sensitive when we think of the literacy process of children in the early years of Elementary School, such as a teenager who studied Science Teaching from printed materials. In this context, all stages of basic education adhered to changes and new meanings to guarantee the school year in a pandemic context. The study revealed nuances that contextualize the current context, which is heading towards a time called “post-pandemic”, experiencing new facets of recomposing the losses in teaching and learning lags due to the pandemic. Therefore, this phenomenon of minimizing the pandemic's deficits has been studied by many professionals as a recomposition of learning. The study ends with the possibility of starting with an analysis of the discourses of teachers and students of Basic Education and Higher Education in the face of the pandemic and post-pandemic context.

Keyword: Post-pandemic; Recomposition of learning; Education.

Resumen

El objetivo de este estudio fue dialogar de carácter bibliográfico y cualitativo el contexto de la educación pospandemia y la recomposición de los aprendizajes. Se sabe que la Enseñanza a Distancia de Emergencia, mediada por las Tecnologías de la Información y la Comunicación - TIC, fue un recurso que, en la red de educación pública, incluso en las redes privadas, fue el fomento de intensas adaptaciones por parte de docentes y alumnos. Este ciclo de adaptaciones en la enseñanza puede volverse sensible cuando pensamos en el proceso de alfabetización de los niños en los primeros años de la Enseñanza Básica, como un adolescente que estudió Didáctica de las Ciencias a partir de materiales impresos. En ese contexto, todas las etapas de la educación básica adhirieron a cambios y nuevos significados para garantizar el ciclo escolar en un contexto de pandemia. El estudio reveló matices que contextualizan el contexto actual, que se encamina hacia un tiempo denominado “pospandemia”, experimentando nuevas facetas de recomposición de las pérdidas en los rezagos de enseñanza y aprendizaje a causa de la pandemia. Por eso, este fenómeno de minimizar los déficits de la pandemia ha sido estudiado por muchos profesionales como una recomposición del aprendizaje. El estudio finaliza con la posibilidad de partir de un análisis de los discursos de docentes y estudiantes de Educación Básica y Educación Superior frente al contexto pandémico y pospandémico.

Palabras clave: Pospandemia; Recomposición del aprendizaje; Educación.

1. Introdução

Em diversos países e situações, a Covid-19 foi negada, varrida para debaixo do tapete e tratada de improviso, implicando em custo de vidas, mão de obra e um fluxo de ampla e profunda repercussão. Como se a ciência não previsse a pluralidade de ondas de contaminação, em certos lugares também parece faltar fôlego para superá-las. Essas experiências não se repetem: é preciso planejar agora o que será feito depois dessa crise de saúde pública. Com a interrupção das aulas presenciais devido à pandemia da Covid-19, a alfabetização ficou ainda mais comprometida (Sameer el Khatib & Chizzotti, 2020).

A pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), que obrigou os governos a estabelecer medidas para contenção do vírus e consequente propagação da doença por ele causada (a chamada covid-19), entre elas, o distanciamento social, que levou as escolas do mundo inteiro a interromper parcialmente suas atividades, muitas redes (não se sabe quais exatamente) não conseguiram construir e/ou implementar seus currículos, tampouco cumprir o calendário proposto para sua implementação; outras redes municipais preferiram absorver e incorporar os currículos dos seus estados – como aconteceu com a rede de exercício do pesquisador deste estudo, ao incorporar para a rede municipal, *ipsis litteris*, o Currículo Paulista elaborado pelo estado de São Paulo para as escolas estaduais.

Ademais, convém salientar que, na atual conjuntura de enfrentamento à pós-pandemia do novo coronavírus, constatou-se a necessidade de ampliação irrestrita do acesso digital aos educandos, devido ao isolamento forçado a que todos foram submetidos. “Nenhuma escola estava preparada para a educação em tempos de pandemia” (Gabriel, 2021, p. 1). De fato, as escolas, sobretudo as públicas, foram as que mais sofreram com toda a situação, quando, repentinamente, tiveram de se adequar a um projeto de ensino remoto que ainda se encontrava em estágio incipiente e que exigiu de alunos, docentes,

funcionários e gestores flexibilidade, paciência e adaptação a uma realidade difícil, que evidenciou o quão desigual continua a ser o próprio acesso à educação (Junior e Monteiro, 2020).

Além da perda da interação na escola, parte importante do processo educacional, a falta de recursos das famílias, no que diz respeito à tecnologia de qualidade, aos familiares que precisam, simultaneamente, trabalhar e ajudar nas atividades escolares e aos espaços adequados para estudo e trabalho dentro de seus lares, trouxe à tona o abismo que ainda há a ser transposto. Cabe considerar, ainda, que todos esses desafios também se estendem, em boa medida, aos próprios profissionais da educação (Genari *et al.*, 2015).

Segundo o estudo sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação Básica da rede pública estadual de São Paulo realizado pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF), em parceria com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, aplicaram-se testes, presencialmente, e elaborados em conformidade com o currículo estadual de São Paulo e a BNCC, com itens calibrados nas escalas de proficiência em Língua Portuguesa do Saeb. Para tanto, analisaram-se indicadores de proficiência de estudantes que iniciaram, em 2021, o 9º ano do ensino fundamental e, na sequência, compararam-se os resultados com os mesmos indicadores de alunos que concluíram esses mesmos anos letivos em 2019 (Universidade Federal de Juiz De Fora, 2021). Dessa maneira, evidenciou-se quanto os alunos deveriam ter avançando durante ano letivo de 2021 para conseguir a mesma proficiência em aprendizagem alcançada, anterior à pandemia da Covid-19, por educandos da mesma escolaridade.

Com isso, constatou-se que, em 2021, os alunos do 9º ano apresentavam 11,2 pontos a menos na escala de proficiência em Língua Portuguesa, se comparado ao ano de 2019 (Universidade Federal de Juiz De Fora, 2021), isto é, há um caminho a ser percorrido para chegar à proficiência que antecedeu à pandemia.

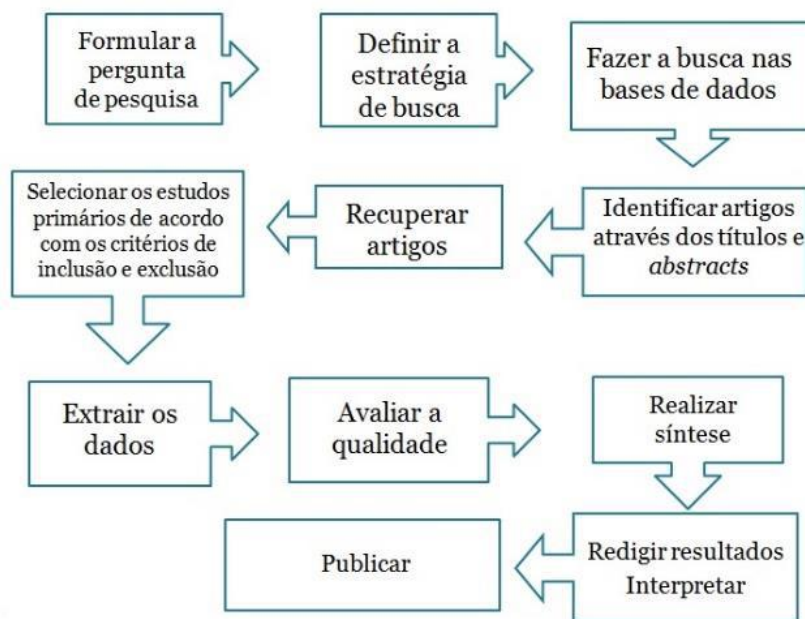
2. Apontamentos Metodológicos

A pesquisa em tela utilizou-se de procedimentos da pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Acerca da pesquisa bibliográfica, Severino (2007) afirma que são concebidas com base em materiais já publicados, como livros, teses, dissertações e artigos científicos. A pesquisa bibliográfica “[...] consiste numa espécie de ‘varredura’ do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto” (Macedo, 1994, p. 13, grifos do autor). Essa escolha decorre em razão da gama de material a ser estudado; tal abundância leva o pesquisador a buscar, em inúmeras fontes, a matéria científica, em outras palavras, temas que corroboram para a qualidade da investigação, assim como demonstram a abrangência e importância do tema estudado.

Quanto à abordagem o estudo foi sistematizado a partir da pesquisa qualitativa e sistemática. Conforme Gil (2002), nas pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias, em geral, é reexaminado e modificado sucessivamente com a intenção de se obterem ideais mais abrangentes e significativos. O objetivo desse estudo é refletir a recomposição da aprendizagem no contexto da educação pós-pandemia e trazer à baila luzes em relação à temática.

De acordo com as etapas da revisão sistemática de literatura:

Figura 1 – Fluxograma metodológico de revisão sistemática.



Fonte: <https://www.godela.com.br/noticia/1530/revisao-sistemica/>.

No que tange as etapas de pesquisa, esta, inicia-se com um contexto que aponta os desafios e possibilidades da pandemia frente à insurgência do Ensino Remoto Emergencial. Formulado o problema de pesquisa e o objetivo central do estudo, a estratégia de coleta de dados foi a busca no Google Acadêmico e Base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes. Foram selecionados trabalhos que enquadram-se sistematicamente com o corpus temático de pesquisa aqui destacado, os mesmos foram dialogados à luz de análise qualitativa, pautando similaridades e contrapontos de demais autores.

Este atenua-se nos moldes qualitativos, pois o delineamento do trabalho está entrado em parâmetros subjetivos, nos valores e nas particularidades dos autores enquanto produtores de um diálogo bibliográfico. Portanto, os principais idealizadores que dão aporte teórico e metodológico no embasamento da pesquisa são: Barbosa (2021), Gabriel (2021), Graça (2020) e fundamentos da Universidade Federal de Juiz De Fora (2021).

3. Resultados e Discussão

3.1 A recomposição da aprendizagem e as tecnologias digitais

Diante da necessidade de recompor os déficits da aprendizagem consoante a pandemia, o ensino passa a aderir um caráter assimilador, onde, muita das vezes, faz-se necessário retomar os termos iniciais e temáticas introdutórias de conteúdos para que se consiga fazer um resgate processual e contínuo daquilo que não se foi possível abordar ao longo da pandemia. Se uma turma de 6 atualmente, for analisada em uma perspectiva pós-pandemia, possivelmente muitas dificuldades de leitura, escrita e compreensão de textos são insurgentes, tendo o docente a responsabilidade de incentivar atividades que estimulem e resgate tal competência.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018, p. 5)

Temos um documento relevante, pautado em altas expectativas de aprendizagem, que deve ser acompanhado pela sociedade para que, em regime de colaboração, faça o país avançar. Assim como aconteceu na etapa já homologada, a BNCC passa agora às redes de ensino, às escolas e aos educadores. Cabe ao MEC ser um grande parceiro neste processo, de modo que, em regime de colaboração, as mudanças esperadas alcancem cada sala de aula das escolas brasileiras. Somente aí teremos cumprido o compromisso da equidade que a sociedade brasileira espera daqueles que juntos atuam na educação.

Antes da pandemia, existiam muitos estudos que apresentavam as TICs enquanto possibilidades de ensino, bem como, as metodologias ativas, no entanto, estes recursos foram cada vez mais potencializados no contexto pandêmico e agora repercutem em um cenário pós-pandemia. A formação continuada foi incentivada, compondo uma série de cursos livres de capacitação, atualização e aperfeiçoamento na literatura, permitindo com que os professores tenham uma série de complementos pedagógicos e pontuações em currículo (Cunha et al., 2022a, Cunha et al., 2022^a, Fettermann et al., 2021).

A Fundação Lemann demarca uma série de problemáticas que envolvem a recomposição da aprendizagem (Fundação Lemann, 2021, p. 5):

1. Especialistas de diversos países entendem que o processo de remediação (aulas de recuperação) não é a forma mais efetiva para recompor as aprendizagens. Nos Estados Unidos, o debate se intensificou e as redes estão dando preferência para a aceleração ou a priorização curricular.
2. Muitos países e programas optam pela contratação de jovens profissionais, recém formados ou que estejam cursando os últimos anos dos cursos de licenciatura ou pedagogia para atuarem como professores de escolas de verão, tutores ou professores-acompanhantes. Uma das estratégias para recompor as perdas de aprendizagem é o aumento de tempo de instrução, que pode se dar aos finais de semana, durante as escolas de verão ou com alteração do calendário escolar.
3. Investimentos vultosos em programas e estratégias de recomposição de aprendizagem estão sendo feitos no pós pandemia. Em Portugal, o governo destinará mais de 900 milhões de euros para a recuperação de aprendizagem, e na Austrália, apenas para um projeto de tutoria, foram investidos 600 milhões de dólares australianos.
4. A aceleração do processo de aprendizagem compreende diversas estratégias que vão além de configurações bem-sucedidas de currículo. Tempo de ensino, práticas pedagógicas, avaliações diagnósticas, formação docente específica e material didático apropriado também devem ser levadas em consideração no momento do planejamento para a recomposição das aprendizagens perdidas.
5. As estratégias de adaptação curricular mais comuns em programas de recomposição de aprendizagens incluem priorização das habilidades curriculares ou aceleração das aprendizagens. Neste caso, o foco tem sido colocado nas habilidades estruturantes de linguagem e matemática.
6. Iniciativas de tutoria e de formação com fases de sprint, são frequentemente utilizadas em programas de aceleração educacional. A mesma lógica se aplica a formações continuadas de professores, que podem ser efetivos, contratados ou voluntários.
7. Os países optaram por diferentes tipos de avaliação diagnóstica para o pós pandemia, mas vários apostaram na compreensão integral de cada estudante. Enquanto a Irlanda recomendou que os professores desenvolvessem um processo de co-investigação, os Estados Unidos investiram em uso de inteligência artificial para personalizar o diagnóstico. O Chile incluiu análise das competências socioemocionais.

Dentre tais contextos, entende-se que essa realidade de recomposição não é um fator brasileiro, mas sim global e, diversos países e redes de ensino estão se reinventando para gerir este intermédio desafiador. Vale ressaltar que, não existe um modelo para recompor a aprendizagem, mas ela precisa ser elencada de acordo com um aparato pedagógico, estipulando o que foi perdido em termos de aprendizagem e o que precisa ser resgatado.

Figura 2 – Conceitos em recomposição da aprendizagem.



Fonte: Fundação Lemann (2021, p. 8).

Diante disso, o que se viu em diversas redes de ensino ao redor do mundo foi uma prevalência por estratégias de aceleração. Este trabalho se propõe a apresentar algumas dessas estratégias, mas vai além e também olha para alternativas de mitigação dos danos causados pela pandemia no contexto educacional, como estratégias para o ensino híbrido, propostas de combate à evasão escolar, iniciativas para ampliar o tempo de instrução e programas que englobam competências socioemocionais, voltadas ao bem estar dos estudantes (Fundação Lemann, 2021, p. 9).

De acordo com os dados expressos na figura 2, é possível relacionar uma estrutura básica da recomposição da aprendizagem com a ação pedagógica. O termo mitigação das perdas, atenua-se em averiguar o que foi perdido e o que precisa ser incorporado a partir de um contexto de crise, em termos de aprendizagem e conteúdo. No que tange a remediação, este, é quando a demanda de composição de uma turma é maior do que o esperado, neste caso, precisam-se incorporados outros fomentos interdisciplinares em ensino e práticas pedagógicas, bem como, uma mobilização de demais professores. A intervenção, portanto, seria um processo de foco em aprendizagem, podendo ser adaptado a diversos contextos, uma turma pode ser dividida em vários níveis e, nestes casos seria interessante utilizar o conhecimento dos estudantes com excelente rendimento para explicar aos colegas com a sua própria linguagem. A aceleração é quando o centro do ensino passa a ser em conteúdos mais específicos e importantes que precisam ser trabalhados ou relembrados.

3.2 O professor em contexto pós-pandemia: tocando em pontos sensíveis

Tendo isso em mente, as propostas são orientadas para avaliar o que foi feito, o que foi aprendido, recuperar o que não foi aprendido e não repetir os mesmos erros; pelo contrário, fazer melhor e diferente. Se a utilização do ensino a distância nas escolas em virtude da Covid-19 incorreu em um fluxo de erros, se faltou qualidade, não é o caso de jogar tudo fora, mas de ver o que deu certo e descartar o que não deu. Se o aprendizado diminuiu, vale a pena se preocupar com o que está ao seu redor: pessoas muitas vezes empobrecidas, excluídas, com dificuldades psicológicas devido à longa pandemia, grupos familiares em conflito ou desfeitos, consequências físicas na saúde, alunos cheios de incertezas quanto ao futuro, quem eles são, o que eles vão fazer. Um professor não é um simples instrutor: é um educador. Ao mesmo tempo, ninguém pode esperar que um professor seja um super-herói, mas sim um ser humano sob tensões e dúvidas. Nesse sentido, para apoiar os alunos e seus grupos familiares, o professor também precisa de apoio, pois ninguém pode oferecer o que não tem.

São muitas as soluções pensadas para facilitar a continuidade do aprendizado e minimizar os impactos causados por uma crise de saúde pública. Mais do que nunca, precisamos ser educadores em todos os sentidos: informando, buscando alternativas e encontrando novas soluções. Mais que isso, devemos atuar como sempre atuamos: respeitando valores e compromissos comuns, adaptando-nos aos desafios sociais contemporâneos (TRICATE, 2020, s.n.).

O professor está no caos de inúmeras implicações, muita coisa tem ficado a cargo do professor, ele tem sido o médico, o psicológico, o dentista, o assistente social, etc. Dessa forma, características extra e intraescolares interagem para diferenciar umas das outras e tem interferido no agir do professor. Moradia, renda, equipamentos eletrônicos, livros em casa, ocupação e nível de escolaridade dos pais ou responsáveis, local de estudo, possibilidade de concentração no ambiente doméstico, saúde e seus cuidados e comodidades domésticas contribuem positiva ou negativamente para o sucesso escolar, para compor índices socioeconômicos. Quanto mais tangíveis forem os indicadores, mais facilmente serão capturados pelas redes de pesca de pesquisa. Ao contrário, existe uma teia sutil de desigualdades, capaz de escapar pelas malhas das redes: uma série de condições de interação do grupo escola-família, organização e funcionamento da escola, de recursos materiais e imateriais existentes, além de o capital cultural herdado por alunos e professores, o arbitrário cultural embutido nos currículos, aspirações sociais e educacionais, dinâmica escolar, família e grupos de pares. Para Graça e Correia (2020, p. 139),

A pandemia da covid interpelou diretamente as nossas sociedades de múltiplas formas, desde aspetos atinentes à confiança social na ciência até à possível hiperpolitização dela, passando pelas prioridades assignadas ao funcionamento dos sistemas económicos e às formas da sua regulação. Sendo o nosso ambiente cultural marcado por evidentes traços de sinofobia, a experiência civilizacional de longo prazo da China é confrontada com a das sociedades ocidentais. As frequentes reclamações de maior intervenção económica estatal e de cooperação social entrecruzam-se com diversos outros problemas, designadamente as desigualdades sociais

A ajuda das instituições limitava-se ao esforço pessoal dos professores, com pouco apoio institucional. Os professores reuniram-se em de WhatsApp para atender alunos e pais, dirigiram-se a eles e, com isso, trabalhavam por horas a fio, manhã, tarde e noite a responder infinitas mensagens.

Essa teia de relações envolve um sutil contrato social entre escola, professores e sociedade. Pertencente a uma cultura imaterial, os seus efeitos não cessam de se fazer sentir, inclusivamente ao nível do bem-estar ou do mal-estar, quando as suas regras são violadas unilateralmente, muitas vezes sob o falso lema de que os fins justificam os meios. Nesse sentido, há uma distopia no sentido de “digitalizar” a escola e/ou “desescolarizar” a sociedade. As críticas alertavam para o aumento das desigualdades sociais, devido às diferenças de recursos, património e ambientes socioculturais.

3.3 A educação pós-pandemia: reflexões e provocações

Já passou da hora de planejar o futuro educacional do Brasil pós-pandemia (se é que pandemia acabou). Essa provocação se aplica a muitos estados (isso senão couber a todos), assim como as seguintes observações neste texto. A educação não pode ser vista segundo o jogo de lentes ideológicas. Não se reduz ao mecanismo racionalista da modernidade, comparável ao relógio analógico de uma velha estação ferroviária. Para fins e meios, também não se assemelha a uma empresa destinada a produzir bens ou prestar serviços e gerar lucros. A Estado pode dominar a política, com a eleição de antipolíticos que se propõem a tornar a organização pública eficiente, com engrenagens lubrificadas e ágeis. Da mesma forma, as revoluções gerenciais não funcionam para aumentar a produtividade arruinando o clima organizacional e a saúde mental das pessoas. A complexa realidade não cabe em formas simplistas: o que pode dar resultado positivo em um campo, se for realmente positivo, pode ser inadequado para outros.

Em todo caso, as pessoas interagem, não se reduzem a máquinas. Por mais que persistam os estereótipos, a Educação não é uma linha de montagem de automóveis: é uma área social capaz de lidar com valores, atitudes, comportamentos,

interações entre pessoas e grupos. O que pode funcionar na engenharia pode não funcionar na educação. Vejamos: além do fato de o ser humano ser dotado de vontade, consciência e autoconsciência, a Educação para formar esse ser humano trata de valores, como certo/errado, verdadeiro/falso, belo/feio, desejado e futuros indesejados. Então, tem propósitos, que remetem à filosofia. Este, por desconhecimento, ou desdém, tende a ficar envolto em névoa, mais ou menos amorfa. Segundo Gabriel (2021, p. 11),

[...] o retorno às aulas presenciais centrado exclusivamente na retomada dos componentes curriculares e objetos de aprendizagem, sem considerar a socialização que o ambiente escolar promove, deve ser objeto de intensa reflexão na nova compreensão da escola pós-pandemia. O isolamento social impôs a toda a sociedade um “novo normal”, ainda não totalmente assimilado por todos, e que tem se traduzido em conflitos em diversos setores. No campo da Educação, o isolamento impôs o ensino remoto como alternativa à continuidade do processo educativo, com a adoção, em parte, do ensino híbrido, ao qual nem todos os professores em atuação (ou à grande maioria deles) possui expertise.

A educação também lida com o ser humano, seu pensar, sentir e agir. Você não aprende se não tiver vontade, se não tiver confiança em sua própria capacidade de aprender e se não confiar no fato de que vale a pena aprender, o que remete à psicologia. Por outro lado, aprender é indispensável, mas não suficiente: Educar é muito mais: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Assim, o déficit de aprendizagem no Brasil pós-pandemia é lamentável; no entanto, é apenas um lado da questão de algo maior. Aqui você tem que ir ao cerne da questão: não adianta arranhar a superfície como caranguejos.

A educação tem contornos bem definidos: apresentar o patrimônio sociocultural, promover a cidadania e a igualdade, ser motor de mudança social, libertar e preparar para futuros desconhecidos. As novas gerações são comparadas a flechas lançadas pelos arcos dos educadores rumo à mansão do amanhã, onde a geração atual jamais habitará. Conectando-se de forma coerente com outras opções, a Educação precisa, portanto, ter a luz da sociologia e de outras ciências sociais. De fato, a Educação não é um caminho singular, mas uma praça de teorias e práticas, para onde confluem uma pluralidade de ruas.

Mais do que planos de escritório, os esforços pós-pandemia precisam ser combinados com as forças vivas da comunidade e da sociedade, para serem ouvidos e participarem. A cooperação entre a sociedade e o Estado deve levar a cabo os pequenos anseios. Se as transformações criaram a sociedade em rede, também é preciso pensar e agir em rede.

Para tanto, populismo e demagogia não são construtivos, assim como não são personalidades políticas, supostamente bem-sucedidas nos negócios, que se propõem a administrar o Estado como administram suas empresas. Estado e empresa são coisas diferentes. Da mesma forma, a competição erosiva entre correntes políticas não contribui para elevar as nações.

Em vez disso, é necessário o pacto pelo bem comum, a convergência em torno de objetivos comuns, o acordo em torno da sobrevivência do mundo e das nações. Pode-se objetar que esses acordos são “utópicos”: de fato, a História registra períodos sombrios e outros em que, por riscos ou outros motivos, chega-se a um consenso para preservar o geral e, posteriormente, contestar o particular, porque o particular não sobreviver sem o geral, o mais amplo. Quase a maioria de nós está em um túnel que, como qualquer túnel, tem um fim. A finitude é uma marca do ser humano e da natureza em que vive. Por isso mesmo, o futuro está sendo preparado a partir do presente. Assim, a educação, pós-pandemia, precisa ser pensada e tratada e forma séria e urgente. Seguimos na esperança que tempos melhores estão por vir, sejamos otimistas.

3.4 Breve reflexão sobre educação pós-pandemia

Do ponto de vista dos recursos, garantir a igualdade implica em ações explícitas, com foco nos menos favorecidos. A educação deu vários passos para trás, ventos e chuvas devastaram parte do que foi construído duramente a pandemia. Nada disso retornará graciosamente: ações devem ser tomadas em nome daqueles que mais ficaram para trás. E seguir em frente, com a retificação dos inúmeros erros cometidos.

Injetar recursos financeiros não implica necessariamente obter os melhores resultados do outro lado da suposta caixa. Preservar o mínimo para cada aluno e utilizar bem esse mínimo é garantir um certo padrão de igualdade. Contra a corrente das formas de austeridade, é preciso estar atento à escassez de recursos e dedicar o máximo possível aos setores sociais. Nesse sentido, a preservação de recursos mínimos para a Educação é ponto de honra para os laços histórico-sociais e para o reerguimento das economias.

4. Considerações Finais

Nessa conjuntura de pós-pandemia, considera-se razoável o não cumprimento de alguns prazos acerca de algumas metas que não foram atingidas, tendo em vista que inúmeros desafios foram lançados aos municípios, aos estados, ao Distrito Federal e à própria União em virtude da pandemia. Embora não se possa ficar “deitado eternamente em berço esplêndido” (Brasil, 1922, *on-line*), aguardando que, ao seu bel-prazer, os desafios de aprendizagem sejam delineados, apenas, pelos sistemas de ensino. “Sobre esse assunto, cumpre dizer que não se pode conceber que as habilidades sejam desenvolvidas de forma deslocada do contexto; pelo contrário, devem ser trabalhadas por meio de situações reais de produção” (Barbosa, 2022, p. 203). É preciso haver incentivo federal no sentido de dar suporte aos seus entes federados para que, em colaboração, realizem estudos capazes de identificar as fragilidades de aprendizagens dos alunos.

Ademais, é preciso promover ações voltadas para a superação das defasagens de aprendizagem que motivem e conduzam a educação adiante, por meio da distribuição materiais, da formação continuada dos docentes, gestores e outros profissionais da educação, de mapeamentos de implementação, entre tantas outras ações concernentes ao Governo Federal e que devem ser postas em prática de forma célere, pois o pós-pandemia ampliou ainda mais as desigualdades cognitivas de conhecimento e de desenvolvimento pleno, que já existiam entre os estudantes.

O intuito não é finalizar o trabalho nesta revisão bibliográfica, entretanto, coletar discursos de professores da Educação Básica frente aos desafios e possibilidades vivenciados em contexto pandêmico e os caminhos atuais em contextos pós-pandemia. Outrossim, esta discussão poderá ser estendida, inclusive, ao ensino superior. Neste sentido, seria interessante avaliar discursos de discentes de graduação e pós-graduação e também, os professores do magistério em nível superior.

Referências

- Barbosa, P. R. (2022). Base Nacional Comum Curricular: um estudo sobre os gêneros textuais. 2022. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Brasil (2018). Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação, Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (2022). Decreto n. 15.671, de 6 de setembro de 1922. *Declara oficial a letra do Hino Nacional Brasileiro, escrita por Joaquim Osorio Duque Estrada*. Brasília, DF: Presidência da República, 1922. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/d15671.htm.
- Cunha, F. I. J. et al. (2022b). The importance of student assistance in times of pandemic: An account of experiences of the Nucleus for Educational Development of the Federal University of Pampa - Uruguaiiana Campus. *Research, Society and Development*, 11(1), e34911124707. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i1.24707>.
- Cunha, F. I. J., Rocha, E. P. da, Braz, R. F., Almeida, R. S. de, Jacques, C. A. F., Martins, C. A., Filocreão, L. P. S., Ramos, A. da S., Moleda, J. M. M., & Santos, A. C. (2022a). Continuing education of teachers in Basic Education: a systematic review. *Research, Society and Development*, 11(7), e10511729383. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i7.29383>.
- Fettermann, F. A., Silveira, M. G. de S., Escobar, T. A., Valença, J. Á. P., Sganzerla, F. L., Pessano, R. F. R., Mansilha, L. V. Q., Cunha, F. I. J., & Nunes, C. S. (2021). Programa saúde escolar e o alinhamento das ações na prevenção do coronavírus. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10 (5), e37810514686. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i5.14686>.
- Fundação Lemann (2021). Recomposição das Aprendizagens em Contexto de Crise. Recuperado de https://www.institutonatura.org/wp-content/uploads/2021/08/Levantamento_Internacional___Estrate%CC%81gias_de_Recomposic%CC%A7a%CC%83o_das_Aprendizagens_VF_1.pdf.
- Gabriel, N. da S. et al. (2021). O retorno às aulas no pós-pandemia: estudo de caso e análise comparativa entre o ensino público e o ensino privado. *Terrae Didat*. Campinas, SP, 17, 1-13 e021005.

Genari, B. et al. (2015). Tecnologias de informação e comunicação na educação da Odontologia: estudo transversal de uma população do sul do Brasil. *Revista da ABENO*, 15(2), 56–64.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a ed.), Atlas.

Graça, J. C.; & Correia, R. G. (2020). Em torno da pandemia: factos, percepções e conjeturas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(2), 138-158. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000200010&lng=pt&nrm=iso.

Junior, V. B. S.; & Monteiro, J. C. S. (2020). Educação e covid-19: As tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. *Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade*, 2, 1–15.

Macedo, N. D. de. (1994). *Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para fundamentação do trabalho de pesquisa*. Loyola.

Sameer el Khatib, A.; & Chizzotti, A. (2020). Aulas Por Videoconferência: Uma Solução Para O Distanciamento Social Provocado Pela Covid-19 ou um grande problema? *Revista EDaPECI*, 20(3), 26–45.

Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. (23a ed.). Cortez.

Tricate, Myriam. *A educação a distância contra a pandemia*. PEA UNESCO. S.d. Recuperado de <https://revistaeducacao.com.br/2020/03/25/educacao-a-distancia-unesco/>.

Universidade Federal de Juiz De Fora. (2021). Estudo pioneiro mostra impacto da pandemia na educação em São Paulo. Juiz de Fora: UFJF. <https://www2.ufjf.br/noticias/2021/04/28/estudo-pioneiro-mostra-impacto-da-pandemia-na-educacao-em-sao-paulo/>.